

MULHERES DA FICÇÃO, MULHERES DA REALIDADE: QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

WOMEN OF FICTION, WOMEN OF REALITY: ISSUES OF GENDER AND RACE IN THE SHORT STORY “MARIA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Suely de Oliveira Lopes¹
Atos Daniel Pereira da Silva²

RESUMO

Este trabalho de cunho bibliográfico interpretativo tem como objetivo refletir sobre como as questões de gênero e raça surgem no conto “Maria” de maneira ficcional, e trazem à tona para a realidade a dor, a violência e as dificuldades enfrentadas pela protagonista da narrativa: uma mulher negra. Para isso, recorremos a autoras como Evaristo (2020), Kilomba (2019) e Davis (2018) que ajudam a compreender as características que emergem na narrativa à medida que se dedicam a refletir sobre gênero e raça. Conclui-se que as vivências da personagem Maria na ficção simbolizam a também realidade de suas companheiras, negras e pobres.

Palavras-chave: gênero, raça, História.

ABSTRACT

This interpretative bibliographic work aims to reflect on how gender and race issues appear in the story “Maria” in a fictional way, and bring to light the pain, violence and difficulties faced by the protagonist of the narrative: a black woman. For this, we resort to authors such as Evaristo (2020), Kilomba (2019) and Davis (2018) who help to understand the characteristics that emerge in the narrative as they are dedicated to reflecting on gender and race. It is concluded that the experiences of the character Maria in fiction also symbolize the reality of her companions, black and poor.

Keywords: gender, race, History.

¹ Possui Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) atuando nas áreas de Teoria Literária, Crítica Literária, Literatura Brasileira. Atualmente é professora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e do Mestrado Acadêmico em Letras (UESPI). Email: mariasuely@cchl.uespi.br.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), área de concentração: Literatura, Memória e Cultura; Linha de pesquisa em Literatura e outros Sistemas Semióticos. Graduado em Letras Inglês pela UESPI. E-mail: atosdaniell1@gmail.com.

Considerações iniciais

Por um ponto de vista acadêmico e social é razoável dizer que os escritos produzidos por Conceição Evaristo vêm ganhando um público leitor fiel na medida em que adentra as universidades como objeto de estudo. Tal fato evidencia um olhar significativo de sua escrita para as questões sociais que são de enorme valia para o contemporâneo, a exemplo das lutas contra o machismo, o racismo e os privilégios de classe. Dentre vários possíveis esclarecimentos para esse fenômeno, acreditamos que o traço mais interessante da escrita de Evaristo seja a exposição de realidades subalternas e marginalizadas por meio da ficção, criando narrativas que relacionam à experiência pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva.

Outra particularidade marcante da escrita de Evaristo é a linguagem. A autora transforma e perturba as normas que constituem os gêneros literários tradicionais, desestabilizando os paradigmas da forma de produzir contos, romances e poemas. Desde a produção do conceito de *escrevivência*, em meados da década de 1990, Conceição Evaristo vem produzindo obras ensaísticas, ficcionais e poéticas que estabelecem uma forte perspectiva feminina à escrita, solapando os fundamentos da sociedade brasileira, na qual foi construída por um ponto de vista historicamente racista e patriarcal.

Esse segundo olhar do protagonismo feminino proporcionado por Evaristo (2020) revela fatos que foram silenciados por muito tempo. Constantemente a escritora coloca mulheres negras de classe baixa no centro de suas obras:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 12).

Nessa conjunta, ainda considerando os aspectos complexos da linguagem ficcional de Conceição Evaristo, dispomos do brutalismo poético, conceito frequentemente apontado pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2020) para

caracterizar as obras de Conceição Evaristo. A capacidade da escritora de criar cenas de violência, dor e sofrimento por meio da linguagem poética é inegável, aspecto que faz a escrevivência algo ainda mais forte, impactante e poderoso.

Esse fator faz da autora, um dos modernos expoentes do fortalecimento e desenvolvimento da literatura afro-brasileira, que, ao contrário de grande parte da tradição literária brasileira, busca criar histórias que abordem o negro de forma não estereotipada. No caso de Evaristo, as mulheres, os negros, os pobres e todos aqueles cuja humanidade foi historicamente violada, na realidade e na ficção.

A escrita evaristiana traz a experiência da realidade, transportando pra literatura, uma criação da ficção, a estética de seu pensamento, vivência e experiência. Ao elaborar contos, romances e poemas que representam uma nova fase da literatura, a obra evaristiana caracteriza-se pela expressão de vozes que foram silenciadas ao longo da história. Não foi à toa que a autora atraiu tanta atenção desde pelo menos as duas últimas décadas, marcada por diversas lutas sociais, políticas, feministas e antirracistas no Brasil. A produção literária de Conceição Evaristo é tida como instrumento de resistência, na qual é possível “inspirar formas de resistência que se mostram na escrita literária, quando assume modos de resistência que se instalam no campo da literatura.” (FONSECA, 2020, p. 69).

Publicado originalmente em 2014 e ganhando uma segunda edição em 2019 pela Editora Pallas, a obra *Olhos d'água* é o quinto livro de Conceição Evaristo. Tomando emprestado conceitos de seus trabalhos anteriores, as narrativas dessa obra concentram-se consistentemente em protagonistas negras que foram silenciadas ao longo de suas vidas.

A obra *Olhos d'água*, bem como o conto *Maria*, estão sendo empostadas no centro de várias discussões acadêmicas. “Maria: Reflexões sobre classe no conto de Conceição Evaristo”, do mestrando Túlio Magalhães (2022), na qual o autor buscou elencar de quais formas a violência no trabalho atravessa a personagem, uma empregada doméstica. Em “Violências: Um diálogo entre a Realidade e a ficção a partir do conto *Maria*, de Conceição Evaristo“, Celiomar Ramos e Rosineia Ferreira (2020) trazem à luz discussões sobre como a realidade da personagem é ficcionalizada por Conceição Evaristo. Por último, faço uso dos apontamentos levantados por Fernanda Balisa e

Nismária David (2017) no estudo intitulado “A violência contra a mulher negra no conto *Maria*, de Conceição Evaristo”, no qual, as autoras abordam as violências físicas, sociais e simbólicas suportadas pela personagem.

Diante dos apontamentos feitos acerca de pesquisas já existentes sobre a obra, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos de gênero e raça que atravessam as vivências de Maria, protagonista do conto homônimo de Conceição Evaristo, à luz de estudos que problematizam os limites da história e ficção na literatura brasileira contemporânea. Para nortear essa pesquisa, faço uso das seguintes questões: Em que medida esse diálogo narrativo ficcional se conecta com a realidade social brasileira? Como o machismo e o racismo em um país como o Brasil aparecem na narrativa? Tais questões são abordadas aqui para atingir o objetivo deste estudo. Para tanto, buscamos também um diálogo com autores e teóricos que possam ajudar a compreender os traços marcantes que aparecem no conto de Evaristo, pois estão empenhados em pensar teorias relacionadas a questões feministas, raciais e sociais.

Escrevivência e ficção

O filósofo Walter Benjamin (1994) entende que a arte de narrar está em vias de extinção uma vez que o narrador, aquele que reúne em si mesmo o conhecimento do camponês sedentário e do marinheiro comerciante, parece não estar mais entre nós a partir da modernidade. “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais.” (BENJAMIN, 1994, p. 196).

Para Benjamin (1994), o ato de narrar está diretamente ligado à oralidade. O autor indica que o evento no qual marca a morte da narrativa seria o surgimento do romance:

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopéia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Ao contrapor a ideia de escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, e a função de narrar proposta por Walter Benjamin, percebemos que:

Se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 11).

Nesse sentido, o texto literário é ficcional. Contudo, as narrativas cunhadas com alicerces na ficcionalidade representam a realidade de um mundo, geralmente, repleto de ceticismos, de polifonias, intermédios e de problemáticas que provocam, nos textos propagados, não apenas uma maneira particular e singular de intervenção, mas também coletivo, em semelhança às distintas formas de opressão impostas aos sujeitos. Evaristo (2020, p. 42) relembra que “a procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário”. Assim, a escrita da autora é fortemente marcada pela estética da oralidade, que conseqüentemente será “profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida.” (EVARISTO, 2020, p. 42).

Brasil: uma sociedade estruturada pela opressão

A atual realidade social do Brasil é moldada por diversas opressões que foram historicamente criadas, desenvolvidas e nutridas neste país. Entre elas, as opressões de gênero e raça costumam chamar atenção com cada vez mais notícias sobre episódios de violência cotidiana. Por exemplo, basta estudar os números sobre o genocídio da população negra, o assassinato de mulheres e as instáveis condições de vida das pessoas comuns. Conforme o Atlas da Violência (2019), 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil em 2018 eram negras, ainda que esse grupo represente apenas 56% da população. A mesma pesquisa também constatou que mulheres negras morrem com mais frequência do que mulheres brancas, das 4.519 mulheres vítimas de homicídio em 2018, 68% eram mulheres negras. (MAGALHÃES, 2022).

É notório que as opressões expostas aqui são difíceis de balancear e combater, devido à natureza histórica da construção gradual de nossa sociedade contemporânea. Angela Davis (2018) ao abordar o preconceito étnico-racial chamava a atenção para o fato de que:

Revista de Letras Norte@mentos

Não é fácil erradicar o racismo, tão profundamente arraigado nas estruturas de nossa sociedade e por isso é importante produzir uma análise que vá além da compreensão dos atos individuais de racismo, por isso precisamos de reivindicações que vão além da instauração de processos contra pessoas que cometem atos racistas. (DAVIS, 2018, p. 32).

Curiosamente, a sociedade da qual Davis está falando não é brasileira, mas essas reflexões se aplicam a mesma. Nesse sentido, podemos dizer que o início da luta contra qualquer tipo de opressão passa necessariamente pelo entendimento de que essa opressão está estruturada em nossa sociedade com raízes muito profundas. Ao discorrer sobre o combate ao racismo, Silvio de Almeida (2018) alude que:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição. (ALMEIDA, 2018, p. 38-39).

Kabengele Munanga (1988) argumenta que raça é um conceito social e não biológico. Stuart Hall (2006) descreve como o uso do termo permitiu novas configurações de criticar a sociedade britânica nos anos 1970. A partir disso, a autora Grada Kilomba (2019) indaga que o termo raça foi proposto como forma de racialização dos negros, como maneira de nomeação para esses sujeitos.

Partindo desse ponto, a autora propõe perspectivar questões de gênero pelo prisma racial, Grada Kilomba (2019) inicia o capítulo intitulado “racismo genderizado” do livro *Memórias da plantação* relatando uma vivência pessoal. Quando tinha 12 ou 13 anos, Grada Kilomba foi levada em uma consulta com um médico branco. Ao final, o médico chamou a criança, expressou que iria sair de férias com a família e sugeriu que a menina os acompanhasse para efetuar atividades domésticas. Anos depois, Grada Kilomba (2019) indaga que ao revisitar essa lembrança, não importa se mudasse as personagens daquela narrativa, se o médico fosse um homem negro, se ela fosse uma

mulher branca, se ela fosse um homem negro ou o médico uma mulher negra, em nenhum desses casos o episódio de racismo genderizado teria acontecido, a cena só ocorreu pelo fato de Kilomba (2019, p.94) ser uma mulher e negra, nesse caso “a relação médico/paciente foi transformada em uma relação senhor/servente”.

Louro (2004, p. 15) faz uso do elemento metafórico para comparar gênero com uma viagem, na concepção da autora “a declaração “é um menino!”ou “é uma menina!”também começa uma espécie de viagem”. Nesse sentido, ao basear a construção de uma identidade de gênero alicerçada no determinismo biológico ou cultural também instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. Mas como toda viagem, tem seus imprevistos de rota, “as mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele).” (LOURO, 2004, p. 15).

Pensando no entrelace entre gênero e raça na formação do racismo cotidiano, Kilomba (2019) explicita o que se entende por racismo genderizado, uma opressão racial experienciada por mulheres negras composta por noções racistas de papéis de gênero. Ao ter em perspectiva esse cenário de nossa realidade, passa-se, pois, a discutir a ficção. A partir das cenas escolhidas do conto *Maria* e as questões suscitadas pelo texto que nos tocam no momento da leitura, é possível fazer uma ponte entre realidade e ficção.

Maria: mulheres da ficção, mulheres da realidade

O nome Maria provém da configuração hebraica *Myriam*, na qual as definições podem ser: soberana e forte, assim correspondendo à forma latina concedida à mãe de Jesus. O nome tornou-se comum com a popularização do Cristianismo e é muito aplicado para nomear mulheres. O citado nome, usado tanto para dar título ao conto quanto para nomear a protagonista, designa uma pessoa comum, representando as distintas mulheres que suportam algum tipo de violência. Ao mesmo tempo, o nome Maria traz um sentimento de apagamento, alguém esquecível.

O início da narrativa em terceira pessoa traz à luz a situação pela qual a personagem de Maria, uma mulher pobre, negra e empregada doméstica está passando. A partir das primeiras informações, podemos compreender aspectos da vida da

personagem, como a classe social a que pertence, seu trabalho e sua relação com os filhos:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (EVARISTO, 2016, p. 39-40).

No trecho mencionado, percebe-se que já a primeira cena da narrativa expõe a difícil situação da vida de Maria, a qual é vivenciada diariamente pelas classes populares, como as árduas horas desperdiçadas na espera do transporte público e o preço do deslocamento para aqueles com um orçamento tão apertado.

Nota-se ainda que, apesar do cansaço, Maria estava se sentindo feliz e poderia cuidar da alimentação e da gripe de seus dois filhos menores, o que nos leva a refletir sobre a protagonista em sua condição materna, sendo aquela que cuida da família, que não mede esforços para a criação dos filhos e sonha para sua prole uma condição de vida melhor no futuro. Nesse sentido, é inescapável em nossa mente a lembrança dos diários de Carolina Maria de Jesus, ao registrar em sua literatura a luta diária para criar sua família, demonstrando que a maternidade, para a mulher, negra, pobre e favelada representa, antes de tudo, um grande desafio movido pelo amor aos seus.

Para fazer uso da personagem Maria como canal para refletir em uma possibilidade de história e ficção, é plausível recorrer ao ensaio intitulado *A história vista de baixo*, de Jim Sharpe, no qual faz uso das reflexões de Edward Thompson para pensar sobre o conceito da história vista de baixo:

Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual ‘obsoleto’, o artesão ‘utopista’ e até os

seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tomado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não. (SHARPE, 1992, p. 41-42).

Entrelaçar a ideia de uma história vista de baixo e a experiência de Maria não se limita a identificar o problema geral de reconstruir a experiência de um grupo de pessoas “comuns”, aqui a exemplo, uma mulher negra e pobre. É também reconhecer a necessidade de compreender as pessoas do passado tanto quanto o historiador moderno traz à luz sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência. (SHARPE, 1992). Obras como a de conceição Evaristo podem até simbolicamente ocupar outros espaços, mas historicamente são vistas por “baixo”.

Na segunda cena da narrativa, quando Maria já está sentada no transporte que espera há muito tempo, acontece uma surpresa: ela reencontra um homem que é pai de seu primeiro filho, a quem ela ainda amava. Neste ponto da história, podemos observar fatos passados da vida de Maria, por exemplo, relatos da vida amorosa em uma favela com esse homem e a descoberta da gravidez do primeiro filho:

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, p. 40).

É significativo notar na narrativa para a definição do homem enquanto uma experiência de gênero. O ex-homem de Maria é descrito como um indivíduo bonito e corpulento, evidenciando características fundamentais da figura do homem no patriarcado, ao mesmo tempo, o homem é descrito como alguém de um olhar ansioso que nos remete à fragilidade e vulnerabilidade, aspectos geralmente tão distantes da figura masculina imaginária dentro do mesmo discurso de masculinidade.

Dessa forma, Evaristo explora na narrativa uma complexa humanização desse sujeito que, apesar de ter seus privilégios como homem, isso não impede que o olhar social margilizante recaia sobre esse corpo, pelo fato de ser negro. Ao mesmo tempo em que traz a ideia que esse homem também é vítima de uma sociedade racista na qual está subordinado.

A narrativa se desenrola com uma breve conversa entre Maria e seu ex-marido, cujo nome nunca saberemos, mas nada de novo para um país como o Brasil, mãe solteira? Criança sem registro de pai? A ausência da paternidade materializada em palavras. Em meio à agitação e barulho do ônibus, Maria não ouve bem os sussurros de seu ex-parceiro. É importante notar que neste ponto da narrativa, a ação ganha um ritmo mais rápido e turbulento, incutindo uma sensação de pavor no leitor:

Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. **O medo da vida em Maria ia aumentando.** Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. (EVARISTO, 2016, p. 41, grifo nosso).

Nesse momento da narrativa, analisando alguns aspectos condescendentes, podemos primeiro perceber o sofrimento de Maria pela situação do assalto que é realizado pelo pai de um dos seus filhos, nesse caso seu ex-marido. Se por um lado os outros passageiros do ônibus temiam a morte e/ou o roubo, a protagonista da história pensava apenas em criar os seus filhos. Maria não teve medo da morte, mas sim de estar viva.

A situação de um assalto, já sendo uma circunstância naturalmente violenta, pode nos levar a desenvolver sentimentos de nojo, medo e aversão em relação ao agressor. No entanto, conhecendo as circunstâncias de vida do ex-marido de Maria e seus companheiros em termos de discriminação cotidiana baseada no racismo e dificuldades no mercado de trabalho, seja por falta de qualificação ou pela cor da pele, somos convidados a refletir se esses personagens são realmente tão vilanescos e, em certo momento de empatia, de entrelace com ficção e realidade, nos perguntamos: o assalto foi uma escolha ou uma necessidade? É assim que chegamos a uma emocionante cadeia narrativa:

Alguém gritou que aquela **puta safada** conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: **Aquela puta, aquela negra safada** estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. (EVARISTO, 2016, p. 41-42, grifo nosso).

No clímax do conto, a cena se desenrola em uma tragédia que se abate sobre a personagem. Depois que os assaltantes saem do ônibus, Maria fica, já que não é culpada, porém o comportamento dos outros passageiros é diferente, pois começam a

insultá-la. Nesse contexto, vale destacar que as palavras “puta, preta e safada” (EVARISTO, 2016, p.41) foram os insultos usados para acusar a mulher, assim evidenciando uma violência tanto de gênero como de raça, mostrando sociolinguisticamente a revolta e a vontade que alguns passageiros tiveram de violentar aquela mulher, pela circunstância de seu ex-parceiro ter sentado ao lado dela no ônibus antes do ataque. Nessa situação, além de ser suspeita de envolvimento no roubo, Maria foi acusada de ser mulher, negra e pobre, fatores responsáveis por seu lugar na sociedade: uma empregada doméstica que luta sozinha para cuidar dela, da criação de seus filhos e do lar em que trabalha.

O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. (EVARISTO, 2016, p. 41-42).

Portanto, por mais que Maria articulasse que não tinha nada a ver com o roubo e mesmo o motorista tentando defendê-la, a personagem já estava condenada pelo o que seu corpo representa para uma sociedade racista e machista, que através de estereótipos discrimina mulheres, negras e pobres, colocando-as em posições subordinadas de violência. Além da agressão simbólica que Maria sofre com vários e injustos insultos e acusações, a personagem é linchada até a morte por quem a discriminava, marcando também o sofrimento da violência física:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, **o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado**. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2016, p. 42, grifo nosso).

Esse corpo negro dilacerado e pisoteado é a materialização de um empurre social que esse sujeito sofreu para uma condição de fracasso, que finda em uma morte simbólica e material. Deste modo, na ficção, a partir das dificuldades que Maria enfrenta por sua condição de mulher, negra, pobre, mãe e empregada doméstica, Conceição Evaristo também pensa nas Marias da realidade, vendo como a vida se impõe tão cruelmente sobre elas e seus entes queridos. Assim, a escrita de Evaristo constrói uma mulher ficcional com uma experiência que tristemente dialoga com numerosas mulheres da realidade, especificamente do Brasil, mostrando como a opressão de gênero e raça é dor, violência e sofrimento que atravessa as vivências desses sujeitos.

Ao fim tanto deste trabalho como da narrativa, é significativamente triste que o corpo de Maria esteja dilacerado e pisoteado: a imagem desse corpo violentado remete ao corte da faca laser, mencionado no conto, que agora se multiplica e se distribui; O pisotear mostra como a subalternização atinge seu limite extremo no ato da execução. Ao final, a morte de Maria simboliza a também “morte” de suas muitas companheiras, negras e pobres.

Algumas considerações

Dadas as constantes e abundantes investigações sobre a obra de Evaristo e os vários níveis de leitura em que a narrativa de *Maria* pode ser estudada, não pretendemos trazer conclusões finais do que propomos discutir ao longo do trabalho, como se o que debatemos fosse um lócus fechado. Dito isso, achamos que é possível fazer algumas considerações sobre como gênero e raça atravessam a personagem.

Não há dúvida de que os negros brasileiros ao longo da história foram escravizados, com pessoas (brancas) moldando sua vida cotidiana e sua identidade, e isso não fica limitado apenas ao passado, à discriminação étnico-racial persevera até os dias de hoje. Em nossa sociedade é conhecimento comum de que para os negros foi negado o direito de ser lembrado e o direito de tecer a sua própria história, já que o processo de subordinação imposto a esses sujeitos desde sua chegada a América roubou-lhes toda a sua humanidade. Culturalmente, grande parte de nossa história nacional dos negros fica refém a sua própria ficcionalização.

Em um processo semelhante de desumanização, mulheres negras tiveram seus direitos violados devido à opressão de gênero e raça durante grande parte de sua história, deixando-os apenas para cumprir os deveres impostos por uma sociedade colorista e machista. A esses grupos foi negada a possibilidade de liberdade, estudo, trabalho, acesso às artes e tantas outras escolhas, assim como Maria. Podemos dizer que todos os grupos historicamente silenciados e subordinados em nossa sociedade lutaram e resistiram. Não por vontade própria, mas essencialmente para sua própria sobrevivência e existência.

Nesse contexto, Conceição Evaristo, escritora negra, mulher e originária da favela, destaca por meio de sua literatura aqueles que geralmente têm sido silenciados. A obra de Evaristo quebra as estruturas cruéis de nossa sociedade para dar lugar à autoria negra, à voz feminina e à discussão da vida árida das famílias negras. Esse movimento faz parte de uma revolução, tanto social quanto cultural, pois ajuda a curar as feridas do nosso passado colonial, ao mesmo tempo em que traz à luz ficções que são claramente impulsionadas por aqueles que normalmente não têm voz, como é no caso de Maria, uma mulher negra e pobre.

Pode-se pensar que a ideia é olhar para essa narrativa de forma crítica, mas a direção que a mesma leva é agri-doce e o debate social se sobressai. De forma que, ao fim, sentimos dó pelo destino da protagonista, quando a discussão deveria ser anterior: com tantas preocupações na vida dessa sujeita, basta mesmo só o amor romântico? Encerro aqui pedindo desculpas a todas as Marias mundo a fora, nos perdoem pelos julgamentos, o salário baixo, a fome, os maus tratos. Desculpa por cada vez que te acharam inferior por ser mulher, pobre, favelada, por ser negra.

Referências

ALMEIDA, Silvio de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DAVID, Nismária; BALISA, Fernanda. A violência contra a mulher negra no conto "Maria" de Conceição Evaristo. *Litterata*, Ilhéus, v. 7, ed. 1, p. 72-82, 2017. Disponível

em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1478>. Acesso em: 24 out. 2022.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Org. Frank Barat. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018. 150 p.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. Sobre o que nos move, sobre a vida In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAGALHÃES, Tulio. Maria: reflexões sobre gênero, raça e classe no conto de Conceição Evaristo. *Literafro*, [S. l.], 7 jan. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1629-conceicao-evaristo-maria-reflexoes-sobre-genero-raca-e-classe-no-conto-de-conceicao-evaristo>. Acesso em: 215 fev. 2023.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

RAMOS, Celiomar; FERREIRA, Rosineia. VIOLÊNCIAS: Um diálogo entre a realidade e a ficção a partir do conto Maria, de Conceição Evaristo. In: *Reflexões sobre as escrituras de Conceição Evaristo*. 1. ed. Curitiba: Bagai, 2020. cap. 2, p. 21-30. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1I0kwFxCvrfhS6WUwmjN0p9-XpfSDCoT/view>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. *In*: BUKER, Peter. *A escrita a história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. cap. 2, p. 39-62.

Recebido em 25/04/2023

Aceito em 20/06/2023